

Apresentação:

Esta série de publicações do projeto de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais que inauguramos neste número, tem por objetivo divulgar a produção teórica e metodológica de pesquisadores antropólogos motivados pelo campo conceitual da memória coletiva, das trajetórias sociais, dos projetos de vida, dos tempos narrados e dos espaços vividos dos habitantes nas complexas tramas cotidianas do viver no contexto da cidade relacionados as linhas de pesquisa as quais nos identificamos, antropologia urbana, antropologia visual, imagens e novas tecnologias, meio ambiente e territorialidade.

Neste número trazemos em forma de artigo os vários estudos teóricos desenvolvidos pelas coordenadoras do projeto Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert com o intuito de tratar da formas de sociabilidade, das redes de interações sociais e da memória coletiva transgeracional dos habitantes urbanos e em especial da cidade de Porto Alegre. Estes artigos evidenciam o quadro teórico e conceitual que deu origem ao projeto BIEV iniciado em 1997 tendo por sede o Instituto Latino Americano de Estudos Avançados da UFRGS, Campus do Vale.

Esta linha teórica deu início a formação de um grupo acadêmico hoje consolidado a qual se associam pesquisadores (doutores, mestres) e alunos (de graduação, de mestrado e de doutorado) em Antropologia e áreas afins. A produção científica, a partir dos trabalhos etnográficos destes pesquisadores, configuram um patrimônio etnológico sob o enfoque das experiências e narrativas destes grupos sociais urbanos. Circular e divulgar estas notícias etnográficas permite desvendar as formas sensíveis de atividades de comunicação, associativas, de agregação, de interação, onde as pessoas procuram negociar suas identidades, construir laços e vínculos, conceber diferenças, lutar por posições e reconhecimento social. Estes artigos trazem à luz novos paradigmas de pesquisa etnográfica, ao propor não apenas registrar e documentar o teatro da vida social em acontecimento (investigação histórica) mas refletir sobre o caráter interno (ético e estético) de seus complexos culturais.

O primeiro artigo, “Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração”, reconstitui a trajetória de estudos das autoras em torno dos conceitos do tempo e da memória. Neste texto as autoras cunharam a proposta de estudos de etnografia da duração tendo a obra de Gaston Bachelard da “Dialética da Duração” como inspiração e referência teórica para o tratamento da memória coletiva em uma “ritmoanálise”, considerando as ondulações dos ritmos dos tempos vividos e dos tempos pensados dos sujeitos narradores entrevistados em suas ações cotidianas.

O segundo artigo “A memória como espaço fantástico” segue a perspectiva de expressar a orientação teórica das coordenadoras do projeto buscando tratar das noções do tempo e da memória na complexidade epistemológica que as contém. Seja na dialética benjaminiana da lembrança e do esquecimento, seja no eixo teórico dos elementos para uma fantástica transcendental de Gilbert Durand que nega a tese existencialista de Bergson, o gesto intelectual é de encontrar a memória que se reabsorve na função fantástica.

O artigo que segue, “A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica”, situa a experiência da pesquisa com o tema da

memória e do tempo, no campo da produção antropológica. Por último, o artigo “A cidade, o tempo e a experiência em um museu virtual: pesquisa antropocronotopológica nas novas tecnologias”, traz a iniciativa deste projeto relacionada ao debate do tempo-lugar da produção antropológica no campo das novas tecnologias enquanto um processo reflexivo e crítico ao ato museal de uma ideologia salvacionista.

Na sequência, apresentamos o artigo “As novas tecnologias e o campo dos saberes antropológicos”, onde as redes digitais e eletrônicas e as tecnologias da informativa são apresentadas como espaço de problemas para a construção de narrativas etnográficas, tendo em vista as encruzilhadas epistemológicas nas quais se encontra, hoje, a produção dos saberes em Antropologia quando confrontadas com as possibilidades, não apenas de uma antropologia do cyberspace, mas no cybespace.

A todos convidamos para compartilhar conosco este esforço de contribuir para a pesquisa antropológica brasileira.

Cornelia Eckert